

---

## As charges da Folha de S. Paulo na Copa do Mundo 2014<sup>1</sup>

Juliana Maria Lacerda D'ELEOTERIO<sup>2</sup>

Carlos Alberto de SOUZA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR

### Resumo

A proposta deste artigo é analisar o uso de charges esportivas nos espaços editoriais da Folha de S. Paulo, publicadas entre os dias 12 de junho e 13 de julho de 2014, durante a Copa do Mundo de Futebol, no Brasil. O objetivo é verificar como o jornal se utilizou de charges para transmitir ideais, pontos de vista sobre o evento futebolístico, procurando identificar os artifícios imagéticos utilizados e os sentidos das imagens. Para o desenvolvimento da pesquisa, recorreu-se a Análise de Conteúdo, por meio da abordagem qualitativa, com a seleção e descrição e análise das imagens. Em linhas gerais, verificou-se que, por meio das Charges, o jornal tratou de assuntos de ordem política e esportiva de forma satírica, aproveitando o momento para se posicionar e fazer suas críticas ao evento esportivo.

**Palavras-chave** Charges; Folha de São Paulo; Copa do Mundo de Futebol.

### Introdução

A pesquisa sobre o Jornal Folha de S. Paulo, veículo que possui a maior tiragem do país, editado na cidade de São Paulo com circulação média acima de 320 mil exemplares por semana, tem por finalidade analisar a importância da charge no processo de informação do periódico durante a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. O jornal começou a circular em 1921, quando ainda levava o nome “Folha da Noite”, e dedica parte de sua edição ao esporte, um dos eixos editoriais do veículo. A imprensa tem dedicado importantes espaços à fotografia, mas as ilustrações também têm servido como elemento de atração dos leitores por permitir compreensão dos acontecimentos de maneira descontraída. A charge tem sido usada para satirizar a política, do esporte e o cotidiano.

Dessa forma, a pesquisa busca analisar a relação entre as charges e as informações esportivas publicadas na Folha de S. Paulo explicitando as mensagens e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo da UEPG. Integrante do grupo de pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia do Departamento de Jornalismo e do grupo de extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto). E-mail: juliana\_lacerda@outlook.com

<sup>3</sup> Professor Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Integrante do quadro de docentes do curso de Jornalismo da UEPG. Orientador do trabalho. E-mail: carlossouza2013@hotmail.com

---

conteúdo das charges passadas ao leitor, evidenciando a relação de complementariedade da charge com o conteúdo do texto e cobertura jornalística da época.

### **História da charge**

A palavra charge é de origem francesa e seu significado é aquilo que carrega, exagera. Daí a característica mais marcante da charge: caricaturas e expressões exacerbadas dos objetos e pessoas retratadas para evidenciar e retratar a história e, conseqüentemente, provocar riso no leitor.

Ela se originou do *cartum*, termo que identifica uma representação imagética cômica. Era uma forma de representar os problemas que cercavam a sociedade de uma maneira humorada. É muito ligada aos fatos e acontecimentos recentes no momento que é construída, fazendo parte da história e tendo um caráter muito mais político e opinativo. Ou seja, ela é um gênero textual que transmite informação por meio da imagem e associa com a linguagem verbal, por vezes.

Segundo Gutemberg (2011), a primeira caricatura produzida no Brasil foi no ano de 1837 e retratava um caso de propina.

A primeira caricatura brasileira, atribuída a Manoel de Araújo Porto Alegre (1837), apareceu como uma estampa avulsa e foi exibida pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, nº277, de 14 de dezembro de 1837. A caricatura, mais propriamente a charge, tratava de uma crítica às propinas recebidas por um funcionário do governo relativas ao Correio Oficial (GUTEMBERG, 2011, p. 1).

De acordo com o autor, o cenário político refletiu fortemente no aparecimento do gênero charge na imprensa brasileira. Assim, a mudança da forma de comunicar e dos artifícios usados para isso estava transformando a consciência do leitor que começava associar o texto e a imagem como complementares e constituintes parte de um todo. Outra mudança foi o impacto que a imagem causava na sociedade através da alteração do imaginário das pessoas nesse período que ela começa a ganhar espaço entre textos nos veículos de mídia brasileiros.

Dessa maneira, é visível o papel e a inserção da charge nas discussões de cunho político dentro do jornalismo brasileiro.

---

### **A charge como elemento opinativo**

José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) classificam a charge como um elemento opinativo no jornal e a consideram uma subcategoria da caricatura. A caricatura, é o material que “[...] normalmente, apresenta uma imagem em forma satírica ou humorística e não depende de texto para explicação, e a realidade é a fonte de inspiração dos seus produtores.” (MEDINA, 2001, p.52).

Uma visão muito parecida também é abordada por Maggioni (2011) que considera que a charge está fortemente ligada ao contexto opinativo do jornal, se destacando como um importante elemento gráfico de crítica no jornalismo de opinião. Também houve uma mudança com os passar dos anos, já que passou pela ilustração, pela caricatura, até chegar a um desenho de humor, “ligado a um contexto social, geralmente político, e que por vezes une desenho e texto nas propostas que tematiza” (MAGGIONI, 2011, p.26).

Assim, a charge se caracteriza como uma representação imagética cômica, originada do *cartum*, ligada aos fatos e acontecimentos recentes no momento que é construída, fazendo parte da história e tendo um caráter muito político e opinativo. Ou seja, ela é um gênero textual que transmite informação por meio da imagem e associa com a linguagem verbal, por vezes.

### **A charge e o entretenimento**

De acordo com Grudzinski (2009), a charge passou a integrar o entretenimento dos jornais brasileiros a partir do surgimento do primeiro jornal do país, pela forma fácil de ser assimilada. Segundo a autora, o Correio Braziliense foi o pioneiro no retrato e na crítica aos problemas enfrentados pela sociedade, o que acabou fortalecendo ainda mais o gênero humorístico dentro dos jornais. Assim, a autora ressalta que a charge se caracteriza como um elemento de humor e crítica muito importante no jornal, já que apresenta a notícia de uma forma rápida para o entendimento.

De início, a charge é considerada um gênero jornalístico que traduz acontecimentos por intermédio da linguagem visual. Segundo Nicolau (2010), ela integra parte do gênero, já que repercute e cria significado tanto quanto os outros gêneros mais estabelecidos.

Ilustração, geralmente, de um único quadro, a charge é uma crítica político-social através da qual o chargista expressa graficamente, com

humor e ironia, seu ponto de vista sobre determinadas situações cotidianas. Expressão proveniente do francês *charger*, que quer dizer carga, exagero ou ataque violento, tradicionalmente os desenhos caricaturais e satíricos sempre teve significativa repercussão, às vezes mais que os editoriais ou artigos - a exemplo dos constrangimentos provocados pelas charges sobre Maomé, publicadas em um jornal dinamarquês, no ano de 2005, causando incidente diplomático (NICOLAU, 2010, p.6).

O autor ainda salienta que, é comum que o chargista tenha por rotina a leitura e acompanhamento das notícias diárias para que, a par da redação, consiga absorver acontecimentos que mais repercutem na forma cômica e, rendam um bom material satírico para o jornal.

### **O poder verbal e visual da charge**

Como a charge é um tipo de linguagem que necessita de contextos para ser entendida, a sua significação, embora intencionada pelo chargista através da ilustração criada, fica dependente da interpretação do leitor, que necessita estar inserido no contexto a que ela corresponde para compreendê-la. É o que afirma Maggioni (2011):

A charge pode fornecer vários exemplos de intertextualidade de sentido restrito, uma vez que baseia seu discurso em fatos e sustenta-se neles para elaborar sentidos. Por exemplo, na intertextualidade implícita, é comum encontrar símbolos, características ou até mesmo caricaturas, que deixam evidente a que ou quem se referem, porém, esta interpretação cabe ao leitor (MAGGIONI, 2011, p.85).

No jornalismo, o papel da imagem, aliada ao texto, é o de facilitar e criar o ambiente mais verdadeiro possível para a compreensão do leitor. Na charge, o que acontece é semelhante ao uso de imagens fotográficas. Grudzinski (2009) explica que a imagem, seja ela qual for, contribui para a explicação da notícia, do fato, sendo ela uma crítica humorística de um acontecimento apresentada de uma forma atraente aos olhos de quem lê.

### **Uma leitura das charges da Folha de S. Paulo**

A análise das edições da Folha nos meses de junho e julho de 2014 aconteceu por meio do acervo *online* que o próprio jornal disponibiliza na internet. Por meio de um critério esportivo e político, foram selecionadas 15 charges das 32 que ilustraram os jornais durante a Copa do Mundo 2014. Verificou-se e selecionou-se àquelas com cunho político-editorial, revelando o caráter duplo que o significado das charges teve no

período. Foram também levadas em consideração as charges que aliavam linguagem textual com linguagem visual, por abordarem formas distintas de interpretação que, de certa forma, tornam a compreensão densa e indispensável de um olhar mais atento.

A charge publicada pela Folha em 12 de junho – dia da abertura da Copa do mundo FIFA 2014 – é marcada pelo contexto polêmico que a competição teve logo de início. Isso porque antes mesmo da abertura, o Brasil viveu momentos difíceis na política e a opinião no país se dividia entre aqueles que apoiavam o acontecimento da competição em solo brasileiro, e os que eram contrários ao evento em um período polêmico e cheio de obstáculos e contrariedades na administração do país. Benett ilustra a bandeira brasileira com o selo *copyright* no canto inferior direito, referenciando o termo à frase positivista “ordem e progresso” da bandeira. Dessa maneira, de forma subjetiva, o autor da charge diz que a detentora da ordem e do progresso do país é a organização esportiva FIFA (Federação Internacional de Futebol). A mensagem central dessa charge é complementada no editorial que aparece logo em seguida a ela, no qual o jornal se dedica a um breve retrato do que tinha sido o período anterior ao início definitivo da competição, dando enfoque as turbulências que levaram o povo a um olhar mais crítico a respeito do evento. Dessa forma, fica clara para o leitor a face polêmica dos editoriais da Folha durante o período da Copa, integrando esporte e política na problemática do momento.



Folha de S. Paulo, 12/06/2014

No segundo dia de competição, a charge que estampava o editorial da Folha continha uma sacada que envolvia futebol e política, novamente. Através do retrato da tropa da polícia, Angeli brinca com a aparição secundária que a presidente do Brasil na época, Dilma Rousseff, na abertura da copa e no primeiro dia de jogo. O uso do texto atrelado à imagem caracteriza o significado, como aponta Barbosa (2003):

Embora não seja difícil encontrar uma charge construída apenas por signos visuais, o que mais encontramos é uma união entre os dois tipos de signos. Muitas vezes, o efeito cômico produzido pelas charges é conseguido através da conjunção entre desenho e palavra [...] (BARBOSA, 2003, p. 74).

O autor afirma, dessa forma, que a união entre os elementos textuais e visuais é, em alguns casos, essenciais para o entendimento básico da charge.



Folha se S. Paulo, 13/06/2014

A terceira charge publicada pelo jornal Folha de S. Paulo depois da largada da Copa de 2014 prosseguiu na linha inicial das anteriores. Com forte crítica ao cenário violento e polêmico em que o torneio se realizava, o chargista utilizou de um policial membro do choque, personagem comum durante as manifestações que se colocavam contrárias ao acontecimento do evento. O editorial salienta a percepção de uma mudança no imaginário coletivo da sociedade brasileira frente aos problemas sociais e políticos que o Brasil enfrentava, arriscando um palpite de que a famosa ideia do lazer como uma espécie de amenizador das dificuldades já não estava mais fazendo tanto sentido na vida dos brasileiros. A crítica na charge se apresenta com um discurso que se aproxima pela similaridade com os discursos dos jogadores de futebol, que possuem uma linguagem própria reconhecida pelos que acompanham o esporte. A expressão de uma frase comum para um esportista, encaixada no vocábulo de um policial, no contexto violento que a Copa aconteceu, constrói a ideia de ironia sobre os episódios que dividem a época.



Folha de S. Paulo, 14/06/2014

O primeiro domingo depois do início da Copa trouxe à tona uma frase que, por um bom tempo, fazia parte do repertório de todos que não concordavam com a sua realização. “Não vai ter copa” era uma espécie de bordão que rodeava os espaços e complementava falas e opiniões contrárias aos jogos, frase polêmica, virou *hashtag*, era disseminada e proferida toda vez que lhe era conveniente.



Folha de S. Paulo, 15/06/2014

A ilustração é simples e direta: a frase que clama pelo cancelamento da copa se mantém íntegra até o momento que o evento realmente começa. A partir desse momento, ela sofre a interferência da competição e acaba perdendo o impacto, aos poucos. Através da bola, que representa o real acontecimento dos jogos, o autor cria o entendimento de que o “não vai ter copa” ficou em sua forma discursiva e não foi posto em prática, os jogos já estavam acontecendo. A mensagem é transmitida por meio da escrita atrelada à imagem, mas não se utiliza de falas. Neste caso, o significado da charge é percebido pelo contexto em que é inserida de forma mais assídua. Trouche (2011), explica que “a relação entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados pode ser evidenciada, levando-se em conta a intertextualidade, a situação comunicativa e todo contexto sociocultural”. Ou seja, a intertextualidade presente no imaginário social sobre a copa e a polêmica a cerca da divisão entre os que não queriam a copa e os que queriam, possibilitou o entendimento da charge.

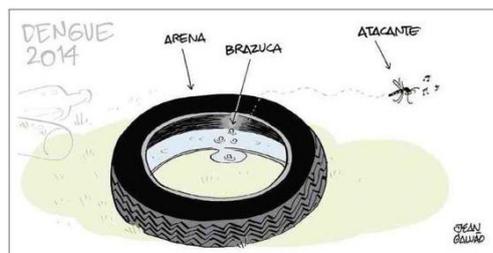
Voltada mais ao esporte em si, uma charge que se destaca é a do dia 17, a qual trata das vaias proferidas à presidente Dilma Rousseff na abertura da Copa e que geraram bastante discussão. A crítica envolve justamente a relevância que o ocorrido acabou adquirindo, quando virou assunto discutido até mesmo pelos próprios políticos, aliados e também da oposição. Por meio do texto, o autor da charge mostra, de forma exagerada, a notoriedade que o fato das vaias tomou até aquele momento, diante da frase proferida pelo personagem que representa o jornalista de televisão, que está dando mais voz às vaias que ao evento principal – a copa.



Folha de S. Paulo, 17/06/2014

Há um juízo de valor na narrativa, que equipara as vaias a presidente ao mesmo grau de relevância dado a um gol. É como se um gol fosse o único acontecimento dentro de uma copa, que fosse capaz de fazer a imprensa e a sociedade, tirar seu foco da “ação protestante” que marcou o primeiro dia do evento.

A charge do dia 29 abordou um problema que assola o Brasil há muito tempo: a dengue. O chargista utiliza de elementos visuais que pertencem ao problema do acúmulo de água que causa a doença, e construiu um cenário que remete à copa, para que houvesse ligação entre o período de competições que o país passava com a complicação que a dengue causa na população brasileira. Com as nomeações “arena”, “brazuca” e “atacante”, Jean Galvão liga o transtorno da dengue daquele ano ao espetáculo futebolístico tão esperado pela nação. O pneu representa um estádio e, dentro dele, na água, está o torcedor brasileiro que acabara de ser contaminado pelo mosquito que é representado como o atacante da história, caracterizando um problema do país.



Folha de S. Paulo, 29/06/2014

De acordo com Koch (1920, p.20 apud ARAGÃO, 2008, p.13), a coesão exofórica é a compreensão que está fora do texto, e a coesão endofórica é a qual se compreende dentro do texto. Assim sendo, os termos textuais empregados na charge de Galvão se caracterizam na coesão exofórica, pois precisam do entendimento externo dos acontecimentos no Brasil para que sejam entendidos de forma correta.

No primeiro dia de julho, a Folha criticou a posição dos representantes da esquerda no Brasil. Por meio do editorial, pode-se perceber o raciocínio de Safatle sobre as reivindicações que aconteceram e continuavam acontecendo no período da Copa do

Mundo. Através dos “cavalos” e dos “cavalheiros”, ambos representados por símbolos que remetem à morte, a representação associa à própria morte da ideologia retratada, a ligando a uma preferência política, no caso a esquerda. As frases que compõe o quadro possuem certa contrariedade de raciocínio e ambiguidade no discurso dos personagens apresentados por uma espécie de fantasmas. Dessa maneira, o editorial complementa e deixa mais clara a compreensão da charge.



Folha de S. Paulo, 01/07/2014

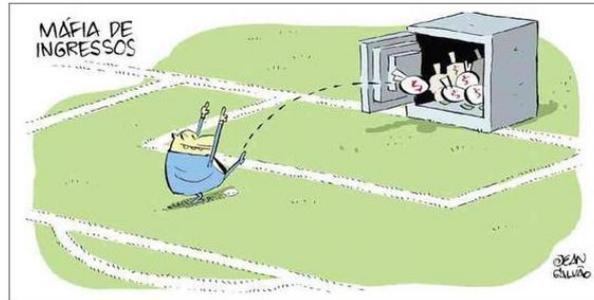
A charge seguinte publicada pelo jornal tratou do pedágio no Brasil, que através da imagem de uma cancela com as cores da bandeira do Brasil e uma chuteira na ponta. O carro que está parado ao lado da cabine de arrecadação do pedágio leva uma bandeira brasileira, simbolizando o torcedor, que está ao lado do time e leva a sério o esporte que rege, no momento, o país, mas que sofre as consequências de um governo que aumenta tributos e impostos para colocar em ação o plano de melhoramento do país para a realização do evento – a Copa. Fica claro o traço de susto no rosto do motorista que está dentro do carro, expressão que é um elemento de percepção da mensagem principal, o absurdo do preço do pedágio frente à realização de um evento tão grandioso e que levaria tanto investimento público para que acontecesse.



Folha de S. Paulo, 02/07/2014

A máfia de ingressos da Copa de 2014 também ganhou uma charge, que apresenta elementos do meio futebolístico para explicar o esquema de lucro que o grupo de corruptos utilizava para levantar recursos. O uso do cofre posicionado no local do

gol, e o saco de dinheiro sendo chutado para dentro dele faz a ligação entre a corrupção e o esporte, o meio que foi explorado para representar o ato de lucrar com o esporte, acertar dentro gol.



Folha de S. Paulo, 04/07/2014

Kock (1982) referencia um termo trazido por Clark e Murphy como elemento de entendimento comum entre o emissor e o receptor.

A compreensão de um texto depende, também, de conhecimentos comuns ou partilhados entre os interlocutores, sem o qual certos casos de referenciação, por exemplo, por meio de expressões definidas como “O rapaz que conversou com você ontem” ficaria prejudicado (CLARK & MURPHY, 1982 apud KOCK p. 23).

O cenário político é mencionado mais uma vez no editorial que aponta a disputa governamental – que acontece paralelamente a Copa do Mundo - e desfruta da competição, novamente, para transmitir a mensagem irônica sobre o fato que gerou polêmica na época. Na charge, o candidato à presidência do Brasil, Aécio Neves, é apresentado fazendo uma ligação. Ele lança a pergunta “qual é mesmo o nome da psicóloga da seleção”? Essa pergunta remete ao entendimento de que a psicóloga da seleção brasileira de futebol estava com um bom desempenho no seu trabalho, controlando de forma adequada o emocional da equipe durante os jogos da copa, e que o candidato, por estar atrás da candidata preferida a eleição nas pesquisas, estaria passando por um momento difícil, o qual necessitaria da ajuda de um profissional, que se assemelhasse à psicóloga da seleção.

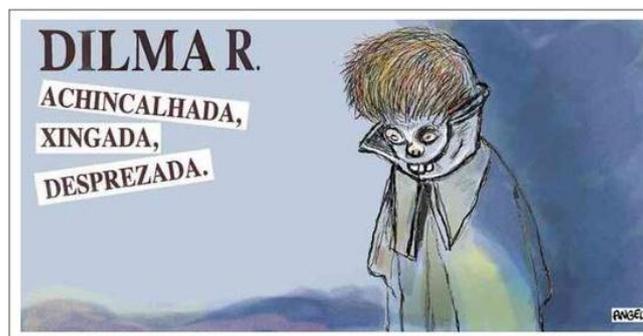


Folha de S. Paulo, 05/07/2014

É interessante perceber os detalhes que o chargista utiliza para representar os fatos dentro da charge. O personagem do político possui uma marca que o categoriza ao partido a que pertence através do nariz similar ao de um tucano, termo associado ao PSDB. É por meio desses detalhes que a charge é entendida de uma maneira diferente pelas pessoas, por conta de os elementos apresentados serem mostrados de um jeito sutil e entendidos de acordo com a polifonia, termo utilizado por Romualdo para designar a abertura de compreensões a qual está presente em praticamente todas as charges.

É a polifonia a principal característica das charges; elas ‘não se tornam monoplanares’, pois elas não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor (ROMUALDO, 2000, p. 53 apud BARBOSA, 2003, p. 73).

A charge do pós, inesquecível e trágico 7x1 para a Alemanha trouxe a caricatura da presidente Dilma Rousseff com palavras ofensivas e o retrato de um governo que sofria com o impacto da derrota que o país havia sentido no dia anterior. De fato, a vitória da Alemanha sobre o Brasil havia desmotivado os torcedores e causado certo ar de revolta e incapacidade de reação diante do resultado. No editorial, o jornal levanta a questão de se atribuir ao esporte a importância da política e o “despertar” do momento de felicidade e lazer que as vitórias da seleção estavam trazendo para o brasileiro, e o retorno a cruel e problemática realidade que parecia estar em segundo plano, enquanto a seleção jogava. Dessa forma, o torcedor voltaria a enxergar a verdadeira face da política e políticos.



Folha de S. Paulo, 09/07/2014

A próxima charge da Folha faz crítica a CBF. Sua qualidade e popularidade depois do jogo que eliminou o Brasil da copa foi criticada e caiu no desagrado do torcedor brasileiro. Uma sepultura faz alusão à morte da Confederação Brasileira de

Futebol que havia caído tanto no conceito do brasileiro, que precisaria ser enterrada. Novamente, a linguagem textual é utilizada para transmitir a mensagem “A 7 palmos”, “aqui jaz o futebol medíocre” e “CBF”.



Folha de S. Paulo, 10/07/2014

As incompetências da Justiça para aplicar a lei que tornava políticos inelegíveis também teve destaque em uma das charges no jornal, a qual contou até mesmo com a presença da máfia dos ingressos. Sob a incapacidade de eliminar a possibilidade de políticos com a ficha suja se recandidatarem, a charge ilustra o paraíso, onde estão presentes vários políticos que têm seus nomes conhecidos pelo envolvimento em algum esquema de corrupção. Na ilustração, cada um deles é posto como representante de um tipo de máfia: “máfia do lixo”, “máfia dos fiscais”, “máfia dos correios”, máfia da previdência”, máfia do sus”, máfia dos órgãos”.



Folha de S. Paulo, 11/07/2014

Até o nome do líder dos Rolling Stones esteve presente no apanhado de charges publicadas no período da Copa de 2014. Na charge do penúltimo dia do evento, Mick Jagger é citado pelo candidato à presidência, Aécio Neves, por um fato curioso. Em diversos jogos que Jagger esteve presente, o time ao qual declarou apoio acabou perdendo, o que rendeu a ele a fama de pé-frio. Uma má sorte que acompanha a pessoa que tem o chamado pé-frio. O autor sugere que Aécio estaria alertando sobre um suposto aproveitamento por parte da atual presidente para ganhar aceitação do mandato e preferência na reeleição. E, logo em seguida, no próximo quadrinho, o líder tucano

sugere o apoio de Mick Jagger à candidata, na lógica de que, assim como nos jogos, fosse possível presenciar sua derrota no dia da eleição, devido ao pé-frio do cantor. Como aponta Brait (1996), a ironia requer a familiaridade do produtor da ironia, para que seja possível a construção e, por conseguinte, o entendimento da mesma.

O processo irônico fundamenta-se na lógica dos contrários na tensão entre o literal e o figurado e numa relação muito especial entre o enunciador e seu objeto de ironia, e entre o enunciador e o enunciatário. A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados, o que de imediato torna isomorfa a cisão constitutiva do seu sujeito, do seu produtor. Por outro lado, também o enunciatário espelha a cisão, na medida em que capta a sinalização emitida pelo discurso e, através dela, aciona sua competência discursiva, ou como parceiro de um ponto de vista do enunciador (BRAIT, 1996, p. 129-130, apud SOUSA, 2008, p.42).



Folha de S. Paulo, 12/07/2014

Para que o leitor consiga entender a ironia da charge, ele necessita estar atualizado, entender a referência sobre a copa, sobre a política atual e sobre o cenário musical, elementos utilizados na charge que permite a compreensão por completo da mensagem central que o autor pretende dizer.

A charge seguinte, última publicada pela Folha de S. Paulo enquanto a Copa 2014 acontecia, faz alusão ao valor que a seleção da Alemanha conquistou depois do resultado que obteve contra o Brasil, no fatídico dia 08 de julho. Essa mensagem é percebida pela representação de crianças brincando com as famosas figurinhas de seleções de futebol. No diálogo travado entre dois meninos retratados, existe a ambiguidade do termo “sete” empregado na resposta à indagação do primeiro garoto: “Quantas figurinhas por esta da Alemanha?”. Isto é, o peso da derrota havia atingido a todos, crianças, adultos e idosos. O Brasil havia sentido o peso daquela perda.



Folha de S. Paulo, 13/07/2014

### Considerações

A análise das charges da Folha de S. Paulo mostrou o poder que a imagem tem para transmitir significados e informações de forma clara e propicia aos leitores a compreensão daquele momento na perspectiva do jornal. É possível captar o humor e o significado da mensagem proposta pelo chargista. Outro fator importante que se mostrou presente na imagem como transmissora de informação, é o seu poder de convencimento, dando ao leitor um elemento de reflexão para que ele tome por verdadeiro o problema, a crítica retratada pela sátira.

A charge jornalística é bem mais que um meio de causar riso, ela é uma porta de entrada a assuntos sérios e polêmicos de uma forma descontraída e irônica, capaz de cativar e estabelecer um grau de intimidade com o público que só é conseguido por meio do tom de 'brincadeira', e isso foi compreendido nas charges do jornal pela abordagem que praticamente todas elas evidenciaram no decorrer do evento: caráter político totalmente ligado ao contexto esportivo que se passava na época. Além disso, por estar inserida na página do editorial, a charge teve o papel de deixar clara a opinião do jornal, mas de uma forma divertida e leve, para cativar o público diante das notícias pesadas e com tom sério que preenchem as demais páginas do diário. Durante a Copa, pode-se perceber que a Folha de S. Paulo utilizou muito desse processo para criticar a política e a seleção brasileira. Isso se reflete, principalmente depois do 7X1 contra a Alemanha, em um período conturbado da política nacional, marcada por várias denúncias de corrupção. Percebe-se, nesta análise, que a Folha de S. Paulo mostrou seus posicionamentos políticos, aproveitando o evento futebolístico para influenciar os leitores em relação ao governo Dilma e a política nacional.

---

## Referências

- BARBOSA, Luiz Henrique. **As diferentes vozes da charge jornalística**. Belo Horizonte, Mediação. Nº 3, jun/2003.
- MELO, José Marques, ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom** – RBCC, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.
- BRAIT, Beth. Ironia em perspectiva polifônica, 1996. In: SOUSA, Ana Caroline Luiza. Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos. **Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Patos de Minas: Unipam, v. 1, p. 39-48, 2008.
- CLARK, Herbert H.; MURPHY, Gregory L. Audience design in meaning and reference. In: KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto: Construção de sentidos**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça. Coesão textual, 1990. In: ARAGÃO, Verônica Palmira Salme de. **A coesão textual e a charge**. Rio de Janeiro: CífeFil, 2008, p.16.
- GRUDZINSKI, Silvia Cristina. **Crerios jornalísticos de noticiabilidade presentes na rotina produtiva charge**. Ponta Grossa, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-kika-criterios.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. 2017.
- MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico**. 2011. 129. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Ano 5 • nº 1 • janeiro-junho 2001.
- NICOLAU, Marcos. As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa. **Revista Eletrônica Temática**. Paraíba. Ano VI, n. 02 – fevereiro/2010.
- PARNAÍBA, Cristiane dos Santos; GOBBI, Maria Cristina. **Charge jornalística: definição, histórico e funções**. XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la comunicación (ALAIC). Lima. Ago/2014.
- ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: Um estudo de charges da Folha de São Paulo, 2000. In: BARBOSA, Luiz Henrique. **As diferentes vozes da charge jornalística**, Belo Horizonte, Mediação. Nº 3, jun/2003.
- TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Polifonia e intertextualidade em charges. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.